



8º CIAP
ABAP 50 ANOS
Raízes e Horizontes de uma trajetória
de ação pelas paisagens brasileiras

Imigração japonesa e formação da paisagem do Vale do Ribeira contribuições e memórias nipônicas

SESSÃO TEMÁTICA: ET4: Dimensão histórica e patrimonial do projeto, do
planejamento e da gestão da paisagem

RIBEIRO, Livia Osawa T. de S.
Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC-UNESP)
E-mail: livia.osawa@unesp.br

CABRAL, Arthur Simões Caetano
Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC-UNESP)
E-mail: arthur.cabral@unesp.br

RESUMO

O Brasil concentra o maior número de japoneses fora do país natal, sendo nítidas suas influências em diferentes dimensões. A participação dos japoneses na construção da paisagem do Vale do Ribeira, localizado no litoral sul do estado de São Paulo, constitui o tema desta pesquisa. Trata-se de um dos berços da colonização japonesa no Brasil, concentrando relevante patrimônio paisagístico e arquitetônico que remonta ao início dessa ocupação, nas primeiras décadas do século XX. Dado o preterimento histórico em políticas de desenvolvimento para o Vale do Ribeira e a condição de pioneirismo encontrada pelos imigrantes japoneses, pressupõe-se a existência de vestígios significativos na paisagem associados aos modos de construir, cultivar e habitar a Terra, investigados nesta pesquisa. Este trabalho analisa a interação de aspectos étnicos, culturais e naturais implicados na compreensão da paisagem a partir da imigração nipônica na região, sobretudo na cidade de Registro-SP e arredores. Por meio de pesquisa bibliográfica e levantamentos de campo, verificam-se indícios de uma especial relação entre o ser humano e a Terra (Dardel, 2015), revigorando afetividades latentes e fortalecendo a consciência acerca da participação da comunidade japonesa na paisagem e na cultura local.

PALAVRAS-CHAVE: imigração japonesa; construção da paisagem; memória e sociedade; Vale do Ribeira; identidade regional.

ABSTRACT

Brazil concentrates the largest number of Japanese outside their native country, and their influences are clear in different dimensions. The participation of the Japanese in the construction of the landscape of the Ribeira Valley, located on the southern coast of the state of São Paulo, is the theme of this research. It is one of the cradles of Japanese colonization in Brazil, concentrating relevant landscape and architectural heritage that dates back to the beginning of this occupation, in the first decades of the twentieth century. Given the historical neglect of development policies for the Ribeira Valley and the pioneering condition found by Japanese immigrants, it is assumed that there are significant vestiges in the landscape associated with the ways of building, cultivating and inhabiting the Earth, investigated in this research. This work analyzes the interaction of ethnic, cultural and natural aspects implied in the understanding of the landscape from the Japanese immigration in the region, especially in the city of Registro-SP and surroundings. Through bibliographic research and field surveys, evidence of a special relationship between human beings and the Earth is verified (Dardel, 2015), reinvigorating latent affectivities and strengthening awareness about the participation of the Japanese community in the landscape and local culture.

KEYWORDS: *Japanese immigration; landscape construction; memory and society; Ribeira Valley; regional identity.*

1 INTRODUÇÃO

No contexto do desenvolvimento econômico do estado de São Paulo, a região do Vale do Ribeira permanece historicamente às margens do Império do Café, cuja hegemonia perduraria de meados do século XIX a 1929. Disso decorre o alijamento do Vale do Ribeira em relação a toda a rede de infraestrutura e investimentos que outras regiões do estado receberam durante o período.

Quanto ao desenvolvimento econômico, a imigração japonesa influenciou significativamente a região, considerando a estagnação econômica desde a decadência da rizicultura¹. Segundo Braga (1999), o Vale do Ribeira encontrava-se num processo denominado caipirização, em que a agricultura comercial fora substituída pela lavoura de subsistência, tornando-se o “Sertão do litoral”. Muller (1980) descreve esse local como uma ilha de pobreza em meio ao padrão de desenvolvimento do estado de São Paulo no período do café.

Esse processo durou até a década de 1940, quando a retomada gradativa da mercantilização da agricultura regional, junto à introdução da agricultura de banana, junco e chá, refletiu em certo desenvolvimento para a região. A teicultura teve início em 1922 e alcançou grande sucesso em Registro, tornando-se um produto típico da cidade e arredores. A desatenção histórica de políticas públicas para o desenvolvimento econômico do Vale do Ribeira (figura 1), contudo, é igualmente proporcional ao descaso à preservação do patrimônio paisagístico e cultural da região. Suas expressões, ainda pouco reconhecidas, e os vestígios da ocupação pioneira japonesa na conformação da paisagem do Vale do Ribeira, constituem o objeto desta pesquisa.



Fonte: Todesco, 2010

¹No início do século XIX, o Vale do Ribeira teve sua época de maior prosperidade econômica devido à rizicultura. Nesse período, a região detinha grande parte dos engenhos de beneficiamento de arroz.



A diversidade paisagística e ambiental que compõe a região justifica o reconhecimento do Vale do Ribeira como foco de políticas de conservação e manutenção da biodiversidade local. Além de integrante da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, ela também é reconhecida como Patrimônio Natural da Humanidade pela UNESCO (Governo do Estado de São Paulo, 2016). Sua importância pode ser observada pela porcentagem considerável de unidades de conservação, uma vez que quase 50% das áreas desse território são protegidas em diferentes níveis - federal, estadual e municipal. Sob o ponto de vista cultural, o Vale do Ribeira é composto por diversos grupos étnicos e comunidades quilombolas, indígenas, caiçaras, caipiras, pequenos e grandes agricultores que habitam e criam, neste território, uma história e um patrimônio cultural singular.

As características geográficas, como os componentes morfológicos e processos pedológicos da região, foram analisadas e aprofundadas pelo geógrafo Aziz Ab'Saber (1985), que tratou de correlacionar esses dados com diferentes áreas do conhecimento, principalmente com a ecologia e estudos sociais do Vale do Ribeira, a fim de subsidiar possíveis projetos de desenvolvimento regional. Na caracterização acerca da bacia sedimentar do baixo Ribeira inferior, o autor caracteriza esse conjunto como um espaço propício ao desenvolvimento de atividades agrárias diversas, além de ressaltar o caráter notório das colinas lindeiras. Elas formam um desenho muito particular na região, transformando a paisagem num mosaico de terras baixas e outeiros alternados com faixas de planícies (Ab'saber, 1985). Essas características aumentam a possibilidade de cultivo de diversas culturas, como o arroz, banana e chá. Este último produto teve grande desenvolvimento no Vale do Ribeira, sobretudo na cidade de Registro e arredores, com a chegada dos colonos japoneses, impulsionando a economia local e modificando, de modo significativo, a configuração da paisagem regional.

Assim, a metodologia adotada no presente estudo inclui levantamentos de campo, fundamentais para a compreensão das condições contemporâneas da região em estudo. A relevância de tais procedimentos advém, fundamentalmente, das reflexões do geógrafo Jean-Marc Besse (2014), para quem a paisagem precisa, primeiramente, ser vivenciada, de modo a tornar visível o invisível, antes mesmo de ser escrita e falada. Essa experiência é marcada, sobretudo, por um olhar questionador e curioso durante o percurso, acerca da condição atual da área estudada. Como ocasião para mútua fusão entre um “sujeito observador” e um “objeto observado”, a experiência da paisagem por meio do ato de caminhar, sob essa perspectiva, traz consigo o potencial não apenas de reconhecimento, mas também de reinterpretação dos espaços habitados e construídos pelo ser humano (Cabral, 2020), garantindo-lhe, assim, novas qualidades e possibilitando a aferição de características até então ocultas.

Além disso, o projeto se baseia em um levantamento histórico do processo de imigração japonesa no Vale do Ribeira, mediante pesquisa bibliográfica, documental e consultas em acervos. Tais procedimentos têm como objetivo ampliar as fontes de informação, vistos os diversos documentos presentes em acervos locais, como: fotos, jornais da época, pinturas que registram a história dos imigrantes em solo brasileiro.

2 INFLUÊNCIA DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NA PAISAGEM LOCAL

Para o geógrafo Augustin Berque (2023), a ideia de “pensamento paisageiro” acaba por refletir a relação íntima estabelecida entre o homem e a Terra, haja vista as transformações na paisagem decorrentes das intervenções humanas, e as modificações nos próprios aspectos culturais humanos diante desse novo meio. A paisagem, nesse sentido, tem um papel fundamental na história da configuração das cidades, do campo e na formação das culturas locais, considerando as relações de “mediância” (Berque, 2023) entre o fazer humano e a natureza da terra, marcada por essas diferentes formas de uso e apropriação do espaço, e como protagonista de narrativas específicas, a um só tempo culturais e naturais, de ocupação e de configuração de paisagens. Desta forma, cabe enfatizar a importância do reconhecimento das paisagens do Vale do Ribeira associadas à ocupação japonesa, a fim de subsidiar políticas de conservação e valorização dos principais traços que caracterizam sua história e configuração.

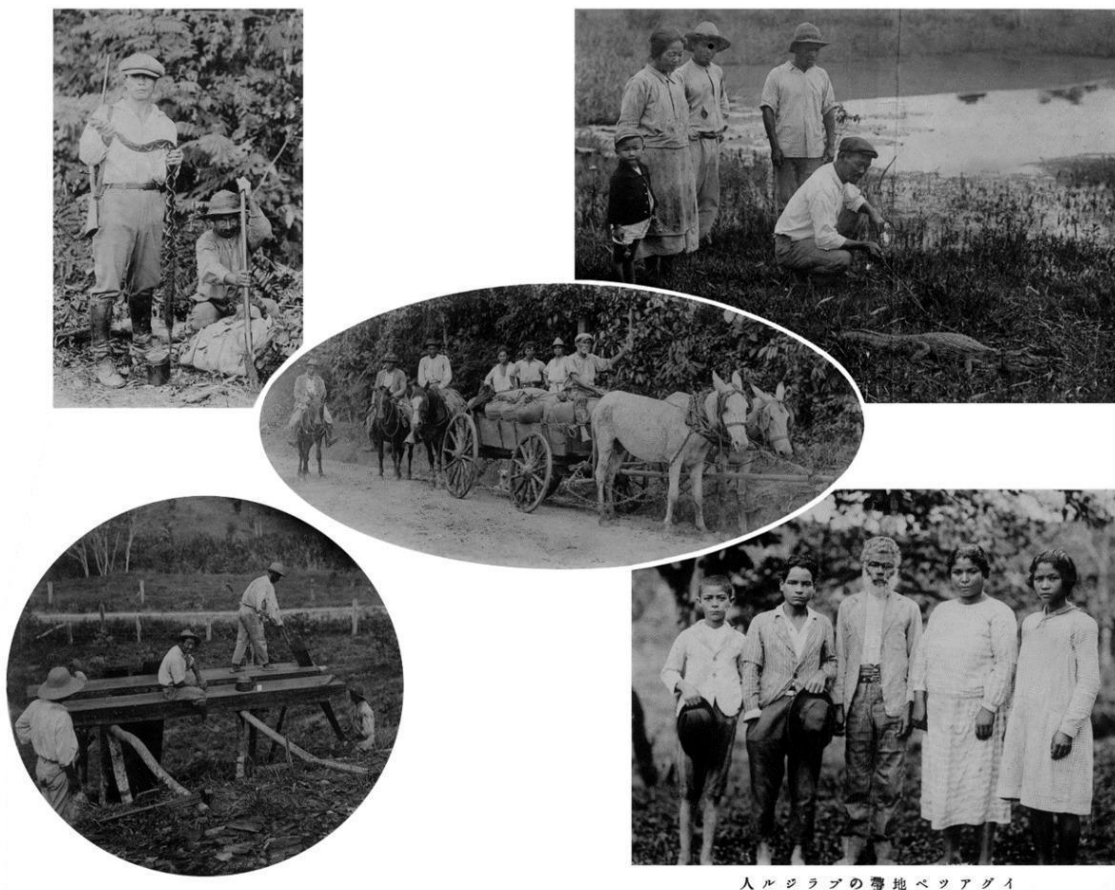
Para além da compreensão das perspectivas adotadas para a investigação bibliográfica e de campo acerca da paisagem e sua relação com a imigração japonesa, faz-se necessário entender as condições histórico-geográficas do Vale do Ribeira antes da chegada dos imigrantes, sobretudo os japoneses, possibilitando a identificação das influências nas configurações e vestígios paisagísticos locais. Afinal, é consenso entre os historiadores e geógrafos que o litoral sul paulista foi alvo de inúmeras tentativas de imigração e colonização no início do século XX (Petrone, 1965), uma vez que essa região apresentava taxas de adensamento populacional muito baixas, além de uma estagnação econômica considerada “crônica”.

Essa última característica é marcada por diversos ciclos econômicos - como o aurífero, naval, agrícola, dentre outros -, ora bem sucedidos, mas geralmente pouco duradouros, fazendo com que a região sempre voltasse a condições de relativa estagnação econômica. Além disso, cabe ressaltar que, no auge da produção e expansão cafeeira no estado de São Paulo, a região do Ribeira permaneceu à margem de toda a riqueza produzida na época. Assim, uma das alternativas para tentar mudar o quadro econômico e social do litoral sul paulista em meados do século XX foi incentivar os diversos empreendimentos imigratórios.

Apesar das dificuldades de habitabilidade na região, havia diversos grupos étnicos que ocupavam as terras antes da chegada dos portugueses, em meados de 1500. De acordo com levantamentos realizados por Nascimento & Scifoni (2010), há pelo menos oito aldeamentos indígenas e cerca de cinquenta comunidades quilombolas que compõem e criam na região uma paisagem em sintonia com a natureza e com os aspectos geográficos locais.

A realidade severa enfrentada pelos nativos do Vale do Ribeira também foi vivenciada pelos colonos japoneses no início do século XX. Destaca-se, como uma das principais características do processo de colonização no Vale, a troca de conhecimento com as comunidades locais da região - como os ribeirinhos, quilombolas e caiçaras -, pois eles detinham o conhecimento secular a respeito das condições climato-geográficas, o “tempo e lua ideal” para plantio e colheita, bem como os fenômenos naturais das terras do Ribeira (Hijioka, 2016). Assim, foi de suma importância o reconhecimento e assimilação, por parte dos colonos, dos saberes da terra, das formas de utilizar e produzir no espaço, além de toda a herança de conhecimento transmitida para eles durante o período inicial de colonização (figura 2).

Figura 2: Colonos japoneses e nativos do Vale do Ribeira



Fonte: Memorial de Imigração Japonesa do Vale do Ribeira

As fotografias apresentadas pertencem ao álbum comemorativo de 20 anos da colônia japonesa no Vale do Ribeira e mostram a integração e troca de saberes entre o ocidente e o oriente - povos nativos da região e colonos japoneses. Se, por um lado, essa mescla cultural produziu um acervo a céu aberto singular na região, refletido tanto na paisagem quanto na arquitetura, é importante levar em consideração que as paisagens encontradas pelos imigrantes eram muito próximas das condições originais do local - caracterizado por suas matas fechadas, clima quente e úmido, solos arenosos e uma diversidade exuberante da fauna e flora.

Além das condições naturais muito diferentes das que os japoneses estavam habituados, havia outros fatores que dificultaram a inserção inicial desse grupo no Vale do Ribeira. A região vivia em relativa situação de isolamento geográfico, vistas as dificuldades de acesso e circulação de pessoas e produtos, fatores agravados pela heterogeneidade cultural, linguística e religiosa, que dificultou a formação de comunidades e a comunicação entre os diferentes povos que habitavam/habitam a região. Nesse contexto, a rápida compreensão das circunstâncias locais se mostrava essencial não apenas para o entendimento das melhores formas de implantação de



suas residências e desenvolvimento de atividades agrícolas, mas principalmente para garantir a sobrevivência em uma terra, até o momento, pouco desbravada. Assim, cabe destacar o interesse especial desta pesquisa na identificação dos vestígios paisagísticos resultantes do processo imigratório nipônico, junto às relações estabelecidas com as comunidades locais do Vale do Ribeira.

2.1 Memórias flutuantes

O item “Memórias Flutuantes” se destina à abordagem de uma importante cerimônia e celebração nipônica, sediada pela primeira vez fora do Japão, na cidade de Registro-SP. Buscamos por meio dessa festividade compreender a relação estabelecida entre o imigrante japonês e as condições naturais do Vale do Ribeira, haja vista que um dos grandes protagonistas do evento é o Rio Ribeira de Iguape. Além de identificar na paisagem, singularidades conformadas a partir deste ritual, as heranças e testemunhos culturais da imigração japonesa na região permitem reconhecer aspectos de uma mútua identificação entre as condições da natureza da Terra e os povos que a habitam.

O Tooro Nagashi é uma manifestação cultural e religiosa oriunda do Japão, que tem como objetivo homenagear os ancestrais/antepassados falecidos e preservar a memória deles, por meio de uma série de atividades ocorridas no feriado de finados. A cidade de Registro (SP) sedia este evento há quase sete décadas, devido à forte presença de descendentes japoneses na região. Durante os dois dias de celebração, acontecem três cerimônias religiosas, as duas primeiras ocorrem no cemitério - culto ecumênico - e na margem da rodovia BR-116, respectivamente, e a última é a cerimônia budista Nichiren Shū, que ocorre nas margens das águas do Ribeira. Este último é considerado o principal, e é dividido em algumas etapas, como: purificação das águas, orações com oferendas e soltura dos barquinhos de madeira (*tooros*) no rio Ribeira de Iguape (Flores, 2022). Todos os cultos acontecem nas margens ou dentro do rio, evidenciando, assim, a importância dele para as manifestações culturais e religiosas da região, assim como expressões de uma relação íntima estabelecida entre a paisagem e a comunidade local, há décadas.

A celebração do Tooro Nagashi, a cada ano, atualiza tradições e hábitos associados a visões de mundo que se rebatem num modo específico de ocupação das margens de um rio e de seus afluentes, entre montanhas. A maneira como as comunidades japonesas passam a interagir com esse meio, em contato direto com quilombos e outras terras a que o Estado incentivava a ocupação, resulta em paisagens admiráveis, a exemplo do Tooro Nagashi, que exprime outros modos de celebração do Dia dos Mortos. O rio ladeado por montanhas, por sinal, como meio de conexão entre a vida e a morte, permite aferir outros significados simbólicos atinentes à formação de paisagens:

O “Ribeira”, enquanto caminho pelo qual se chega e se vai, torna-se o lugar da memória, do deslizamento da efemeridade da vida que transita entre a morte para uma outra forma imaterial de existência, carregada igualmente da experiência histórica vivida, das lembranças dos gostos e desgostos vividos. (Flores, 2022, p. 27)

O evento do Dia dos Mortos se encerra ao final do segundo dia, com a soltura dos *tooros* - estrutura pequena de madeira em forma de cruz, com uma vela no ponto de intersecção, rodeada por papel seda colorido - no curso d'água. As “memórias flutuantes” deslizam suavemente sobre as curvas do rio, garantindo uma iluminação noturna sobre ele muito peculiar e sensível, haja vista que cada ponto de luz representa uma pessoa que não está mais presente.

Figura 3: Colonos japoneses e nativos do Vale do Ribeira



Fonte: Prefeitura Municipal de Registro, 2024

Encarar a morte sob as perspectivas do Ocidente comumente gera um dualismo associado a lugares de encontro e desencontro, de memória e saudade, orientados por diferentes liturgias. À beira do Iguape, a cada ano, configura-se um lugar de espiritualidade no Tooro Nagashi, como ocasião em que começo e fim se apresentam juntos, à paisagem. Essa coexistência de elementos opostos é um aspecto da cultura japonesa, presente não só nessa cerimônia, como também no modo de ser, viver e habitar dessa comunidade.

2.2 Uma visita aos chazais: atualidade e memória da cidade

A arquiteta nipo-brasileira Michiko Okano se aprofunda na dimensão do intervalo implícito presente em relações de dualismo - como no Tooro Nagashi- , denominado *Ma*, e investiga as possíveis interpretações dessa característica tão marcante e considerada um símbolo da cultura japonesa, a fim de propor um diálogo entre o Oriente e Ocidente. Essa manifestação também pode ser reconhecida nos modos de se comunicar e nas formas de expressão dentro da comunidade japonesa. O espaço de pausa ou o silêncio presentes entre uma fala e outra; o intervalo antes de iniciar

determinada ação; a pausa no ritmo de músicas são alguns exemplos das pluralidades de contextos que envolvem esse termo, que, mediante o olhar ocidental, tornou-se uma característica simbólica da cultura do Japão.

Nesta pesquisa sobre a cidade de Registro e arredores, o conceito de Okano (2007) foi utilizado a fim de identificar e compreender as relações estabelecidas entre os imigrantes nipônicos e a paisagem, visto que o intervalo ou entre-espaço *Ma* investigado pela arquiteta pode ser identificado em diferentes escalas, dimensões e situações no cotidiano da cultura japonesa.

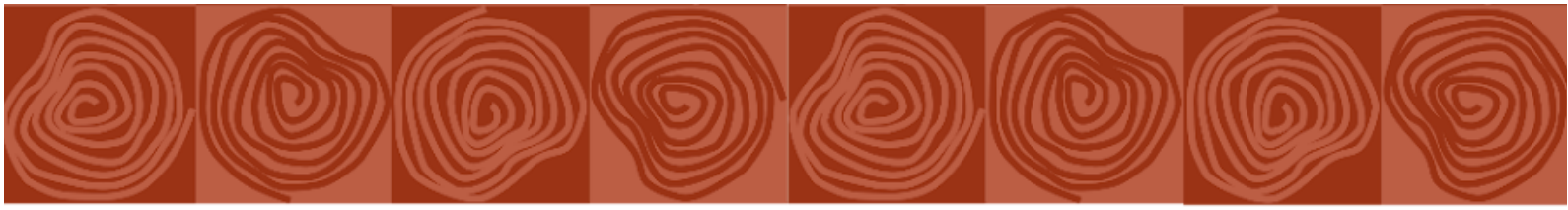
A manifestação do *Ma* está presente de maneira implícita no cotidiano dos imigrantes japoneses do Vale do Ribeira, sendo possível associá-la a diferentes dimensões paisagísticas. A organização das mudas de chá sobre o terreno de ondulação suave e a distância de plantio entre elas, também na condição de intervalo, evidencia o modo de cultivo nos arredores de Registro (SP). Indiretamente associada ao entre-espaço *Ma*, essa configuração paisagística revela não só a relação íntima estabelecida entre homem e a terra, como também evidencia o elo existente entre a terra e a paisagem (figura 4).

Figura 4: Primeiras mudas de chá, da categoria Assam, plantadas em Registro-SP



Fonte: Autoria Própria (2024)

A fotografia acima retrata o local onde foram introduzidas e cultivadas as mudas pioneiras na produção de chá por imigrantes japoneses, reconhecidas pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) segundo decreto de tombamento de 2008, na categoria de jardim histórico. Embora pareça incompatível com a condição de uma plantação de chá em funcionamento, o reconhecimento como jardim histórico dos chazais de Iguape denota valores culturais e naturais significativos à dimensão da paisagem. A preservação de jardins históricos é objeto da Carta de Florença, de 1981, que traz a seguinte conceituação do tema:



Artigo 1º: Um jardim histórico é uma composição arquitetônica e vegetal que, do ponto de vista da história ou da arte, apresenta um interesse público. Como tal é considerado um monumento.

Artigo 2º: O jardim histórico é uma composição da arquitetura cujo material é principalmente o vegetal, portanto, vivo e, como tal, perceptível e renovável.

Depreende-se do trecho que a compreensão de jardins históricos se refere à preservação de obras compostas por elementos vivos e perecíveis, que exigem fundamentalmente a dedicação de plantios. Essa denominação abrange desde jardins modestos quanto obras sofisticadas, assim como expressões de uma especial relação no cultivo da terra, contanto que os valores a elas atribuídos apresentem um interesse público. Além disso, refere-se a localidades que testemunham os vínculos de comunidades humanas com a natureza da Terra como marco de diferentes épocas. Cabe ressaltar o amplo alcance dos sentidos atualmente atribuídos à noção de jardim histórico, que pode abranger até mesmo a expressão de canteiros de chá - uma atividade essencialmente agrícola e de sustento para as famílias imigrantes japonesas na região do Vale do Ribeira - como um jardim a ser preservado. Trata-se de paisagens conformadas segundo certos modos de vida e de cultivo, dotadas de camadas de significados históricos e naturais ora reconhecidos como patrimônio.

A variedade de mudas de chá do tipo Assam apresenta folhas caracterizadas por serem mais largas do que as convencionais e de grande qualidade, gerando mais produtividade e lucro aos fabricantes. A introdução e disseminação dessa variedade na região revela aspectos da adaptação e das descobertas dos colonos desde a chegada às novas terras.

O êxito adquirido com o chá preto refletiu de maneira positiva na região, fazendo com que outros colonos também iniciassem o cultivo em suas propriedades. Uma das características marcantes durante o processo de povoamento e ocupação daquelas terras, até então caracterizadas pelo grande vazio populacional, foi a condição de cooperação observada entre os imigrantes e a população local do Vale do Ribeira, sem detrimento da preservação de costumes e hábitos notadamente japoneses. Esse foi um fator fundamental para a disseminação e sucesso das safras durante um determinado período na região.

2.3 Junco

A produção de junco (*Cyperus malaccensis*) teve início na região do Vale do Ribeira a partir da chegada dos imigrantes japoneses na década de 1930, mais precisamente com o colono Shigeru Yoshimura, que trouxe mudas escondidas em meio às suas bagagens. De acordo com a Prefeitura Municipal de Registro (2025), essa planta é oriunda do sul do Japão e se desenvolve de maneira mais satisfatória em terras de clima quente e úmido. Condições estas encontradas na região do Ribeira, e que se tornou uma das alternativas de produção dos japoneses recém chegados nas colônias. De acordo com Nascimento e Scifoni (2016), a região do Vale é a única fabricante desse tipo específico de junco das Américas, com uma produção de cerca de 50 toneladas de fibra seca anualmente. Além disso, sua principal característica é

servir de matéria prima para a fabricação de artefatos do cotidiano, como esteiras, chinelos, bolsas, cortinas, entre outros.

O Sr. Yoshimura, responsável pela introdução da cultura no Brasil, também tratou de distribuir mudas para muitos grupos de imigrantes recém-chegados nas colônias japonesas, favorecendo a disseminação desse produto na região. As etapas de produção e manejo desse produto são realizadas de modo predominantemente familiar, fazendo com que pais, filhos e parentes trabalhem juntos desde o cultivo, colheita e beneficiamento.

Ao se disseminar as plantas entre outros agricultores japoneses da região, as mudas tornaram-se símbolo do espírito de cooperação e do sentido coletivo que envolvia cotidianamente a vida daqueles imigrantes japoneses, assentados sob o domínio da tropicalidade no sudeste brasileiro e marcaram definitivamente a paisagem cultural do vale (Nascimento E Scifoni, 2010).

Figura 5: Plantação de junco nas áreas rurais de Registro (SP)



Fonte: Autoria Própria (2024)

O junco apresenta características físicas bem definidas, como talos finos e longos, além de textura e altura uniformes. Além disso, ele encontra condições ideais para seu desenvolvimento em regiões de fundos de vale, devido a presença de umidade, abundância d'água e riqueza de nutrientes. O crescimento vertical e a rápida capacidade de propagação são responsáveis por criar coberturas verdes densas sobre vastas áreas e contrastam com a vegetação nativa ao redor. Antigamente, a colheita desse produto era feita de forma manual, cortava-se com auxílio de um facão a área próxima à base da planta, permitindo o crescimento de novos caules.

Dentre as características interessantes das etapas de beneficiamento do junco, o processo de secagem desse material apresenta um aspecto um tanto quanto



diferenciado. À medida que a fibra perde sua vitalidade e fica exposta ao sol, os talos que antes eram esverdeados e densos, tornam-se amarronzados e murchos. Assim, a paisagem adquire uma transitoriedade nos tons que a compõem, além de formar um grande tapete em terrenos com declive suave, que apesar da simplicidade, revela grande beleza.

O capítulo “A paisagem, entre a política e o vernacular” de Jean-Marc Besse, presente no livro *O gosto do Mundo*, discute a relação presente entre a paisagem, questões culturais e contextos políticos responsáveis por sua configuração. O autor explora os conceitos de “paisagem política” e “paisagem vernacular”, referindo-se a modalidades paisagísticas coexistentes e que muitas vezes se sobrepõem dentro do mesmo espaço. A primeira é caracterizada por ser uma paisagem de grande escala, marcada por traços retos, eixos e tramas que tem como objetivo organizar, demarcar e limitar o espaço, além de apresentar em sua configuração fronteiras visíveis que manifestam as visões daqueles que detêm o poder. A “paisagem vernacular”, por sua vez, não apresenta fronteiras ou espaços nítidos que a identifiquem, sendo mais difícil detectá-la. Ela é caracterizada pelos seus espaços modestos, situada, sobretudo, nas margens da cidade, nas franjas urbanas e nos limites espaciais das instalações humanas (áreas de trabalho e moradia). Segundo Besse (2014), ela pode ser compreendida como um local de contato e troca entre o meio natural e humano, ou ainda, de adaptação às circunstâncias naturais. Trata-se de uma zona identificada aos costumes, particularidades e modos de viver daqueles que a habitam, respeitam e “conversam” com o local. Afora tais aspectos, as práticas cotidianas e conhecimentos locais que transformam o espaço estão intimamente relacionados a como as pessoas interpretam e convivem com a paisagem.

A paisagem vernacular evolui, segundo Jackson, em função de nossas tentativas de viver em harmonia com o mundo natural à nossa volta. Podemos dizer que ela é o fruto de uma adaptação mútua, e ativa, entre o homem e o mundo (Besse, 2014, p.128).

Nesse sentido, a paisagem vernacular pode ser associada aos modos de cultivo tradicionais utilizados por determinada comunidade, tornando-se, muitas vezes, um local de experimentações e construção da paisagem pelas pessoas que a vivenciam dia a dia. No caso do junco, os saberes locais relacionados ao cultivo e manejo dessa cultura, transmitidos oralmente e permeando gerações, revelam a relação íntima entre as famílias e o local por elas genuinamente habitado. Além disso, a produção de junco e, conseqüentemente, seus derivados - esteiras, chinelos, chapéus, entre outros - mantém acesa uma prática cultural que reflete a história da imigração japonesa e das comunidades locais da região.

Figura 6: Plantação de junco nas áreas rurais de Registro (SP)



Fonte: Autoria Própria (2024)

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desta forma, o Vale do Ribeira tornou-se um campo experimental imigratório, abrigando não só imigrantes japoneses, como também italianos, alemães, suecos, entre outros povos que tinham como finalidade ocupar as grandes extensões de terras devolutas e com poucas características de habitabilidade. E dentre as iniciativas de imigração, a que obteve maior êxito foi a japonesa, uma vez que os colonos adaptaram-se no espaço a ser colonizado, testemunhando na paisagem singular na região, a associação estabelecida entre a cultura nipônica e os aspectos tropicais brasileiros.

A ideia de um “pensamento-paisagem”, segundo Berque, constitui uma das perspectivas adotadas neste trabalho para compreensão da formação das paisagens do Vale do Ribeira e da participação dos imigrantes japoneses. Com o objetivo de aprofundar o conhecimento e disseminar valores ainda pouco reconhecidos desde o início da imigração japonesa para o Vale do Ribeira, a pesquisa tratou de investigar os vestígios dos modos de vida pioneiros, de cultivar a Terra, e as marcas de suas organizações na paisagem.

O estudo também se baseou na dimensão de intervalo implícito, denominado de entre-espaço Ma (Okano, 2007) para identificar as manifestações paisagísticas e culturais em Registro e nos seus arredores. É possível identificá-las em diversas escalas, situações, mas principalmente nas festividades, como o Tooro Nagashi, e relações de tempo-espaço presentes na herança do cultivo e colheita das plantações de chá na região.

Assim, o reconhecimento e a preservação das paisagens do Vale do Ribeira e sua disseminação junto às comunidades locais, são fundamentais para o desenvolvimento



de políticas de conservação e valorização dos principais traços que as caracterizam. Adiciona-se, como contribuição da pesquisa em desenvolvimento, a possibilidade de reavivar afetividades latentes entre a população local e o meio vivido no cotidiano, de modo a perpetuar a memória dos diferentes povos e comunidades que ali um dia estiveram, e que participaram da formação de paisagens.

AGRADECIMENTOS

Agradeço o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) para o desenvolvimento da pesquisa, processo nº 2023/16157-8.

REFERÊNCIAS

- AB'SABER, Aziz Nacib. **O Ribeira de Iguape: uma setorização endereçada ao planejamento regional**. Boletim Técnico da SUDELPA, v. 1, p. 1-35, 1985.
- BERQUE, Augustin. **O pensamento-paisagem**. 1. ed. São Paulo: Edusp, 2023
- BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro: eduerj, 2014.
- BRAGA, Roberto. **Raízes da questão regional no estado de São Paulo: considerações sobre o Vale do Ribeira**. Geografia, p. 43-68, 1999.
- CABRAL, Arthur Simões Caetano. **Caminhar, descobrir, projetar: Reflexões sobre a deriva e o fazer projetual em paisagismo**. Revista Jatobá, v. 2, 2020.
- Carta de Florença. Florença: ICOMOS, IFLA, 1981.
- DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra. Natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- NASCIMENTO, Flávia Brito do; SCIFONI, Simone. **A paisagem cultural como novo paradigma para a proteção: a experiência do Vale do Ribeira SP**. Revista Cpc, n. 10, p. 29-48, 2010.
- FLORES, Josué Soares. **Tooro Nagashi: Memórias que flutuam**. 2022. Tese de Doutorado. UFPR/ Antropologia e Arqueologia.
- GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Elaboração do Plano da Bacia Hidrográfica do Ribeira de Iguape e Litoral Sul - UGRHI 11 RELATÓRIO I**. Registro, 2016.
- HIJIOKA, Akemi. **Minka-casa dos imigrantes japoneses no Vale do Ribeira**. 2016. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- MULLER, Geraldo - **Estado, Estrutura Agrária e População**. Petrópolis, Vozes, 1980.
- OKANO, Michiko et al. **Ma: entre-espço da comunicação no Japão um estudo acerca dos diálogos entre Oriente e Ocidente**. 2007.
- PETRONE, Pasquale. **Experiências de colonização em uma área tropical: A Baixada Da Ribeira**. Boletim Paulista de Geografia, n. 42, p. 31-50, 1965.



TODESCO, Carolina. **Presença ausente e ausência presente do Estado na produção do espaço para o turismo no Vale do Ribeira paulista.** Confins. Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia, n. 9, 2010.